

# RACISMO E IDENTIFICAÇÃO DE ARMAS: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS PROCESSOS AUTOMÁTICOS E CONTROLADOS

## RACISM AND WEAPONS IDENTIFICATION: CONTRIBUTIONS FROM AUTOMATIC AND CONTROLLED PROCESSES THEORY

Gilcimar Santos Dantas<sup>1</sup>  
Marcos Emanuel Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho discute o efeito do racismo na identificação de armas e apresenta alternativas de redução deste efeito baseando-se na teoria dos processos automáticos e controlados. Foi feita uma análise dos conceitos de automatismo e controle, apresentando a sua relação com as noções de sistema 1 e 2 trazidas pela teoria dos processos duais e como este arcabouço pode contribuir no entendimento dos processos que podem conduzir alguém a confundir um utensílio com uma arma, quando portado por uma pessoa negra. Por fim, foram apresentados paradigmas de pesquisa e formas de redução do efeito do racismo na identificação de armas.

**Palavras-chave:** Racismo; Armas; Automatismo; Controle; Estereótipos.

**ABSTRACT:** This paper discusses the effect of racism on the weapons identification and presents alternatives to reduce it based on the automatic and controlled processes theory. A conceptual analysis of automatism and control was made presenting its relation with system 1 and 2 notions brought by the dual processes theory and how this framework can contribute to the understanding of the processes that can lead someone to confuse a tool with a weapon when carried by a black person. Finally, research paradigms and ways to reduce the effect of racism on the weapons identification were presented.

**Keywords:** Racism; Weapons; Automatism; Control; Stereotypes.

---

<sup>1</sup> Doutorando em psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia; Membro do Laboratório de Estudos de Processos Psicológicos e Sociais da UFBA; e-mail: gsdantas09@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia; Coordenador do Laboratório de Estudos de Processos Sociais e Psicológicos da UFBA; e-mail: memanoel@gmail.com.



## Introdução

Há alguns anos atrás, aconteceu um protesto realizado por estudantes de uma universidade brasileira. Para lidar com o que estava acontecendo, a polícia foi acionada. No meio do tumulto, um policial se aproximou de um grupo de estudantes e pediu alguma identificação que confirmasse que eles eram realmente alunos da universidade e todos os estudantes negaram oferecer alguma coisa a ele. Diante disto, este policial se dirigiu a um destes estudantes, segurou a gola da sua camisa e puxou a arma até metade do coldre. Poucos instantes depois, o policial soltou a gola da camisa do estudante, pôs a arma no coldre e andou um pouco para trás. Apesar de continuar reclamando como se só existisse aquele estudante, ele resolveu abortar aquela ação mais incisiva que poderia, quem sabe, se transformar em uma tragédia. Algo que chamou a atenção é que este jovem era o único negro do grupo.

O que pode ter levado este profissional a escolher a pessoa negra e qual a necessidade do uso da arma? Mas apesar disto, o policial parou por um tempo e, apesar de continuar a reclamar, desistiu da sua ofensiva. O que o levou a desistir? Quais processos poderiam estar presentes no momento desta tomada de decisão? A psicologia poderia auxiliar na argumentação do que pôde ter acontecido? Quais as alternativas para lidar com casos que parecem sofrer efeito do preconceito? A teoria dos processos automáticos e controlados pode dar alguma contribuição nesta jornada.

## Automatismo e controle: uma subcategoria dos processos duais

A teoria dos processos duais parte, basicamente, do princípio de que os seres humanos possuem dois tipos de sistemas de processamento de informação, chamados de sistema 1 e 2. O sistema 1 é descrito como uma forma de cognição universal compartilhada entre seres humanos e animais, que possui expressões instintivas e sua maneira de processar informação possui relação com o aprendizado associativo e de pouco acesso a à consciência (EVANS, 2003). O sistema 2 é altamente desenvolvido nos seres humanos, é sequencial, normativo e apesar de sua capacidade limitada de operação, está ligado ao pensamento abstrato e hipotético (EVANS, 2003). A



teoria dos processos duais embasa outras subteorias, uma delas é a teoria dos processos automáticos e controlados.

A definição da teoria dos processos automáticos e controlados afirma que os seres humanos possuem dois tipos de cognição. O primeiro ocorre de maneira rápida e não requer esforço, é inconsciente e apresenta dificuldade para lidar com novas situações (RAND *et al.*, 2017.). Este tipo de cognição é influenciado pelo acúmulo de conhecimento durante um longo período de experiências sobre um determinado alvo, é difícil de ser suprimido e gera facilitações que contribuem para avaliações, julgamentos e decisões tendenciosas (DEVINE; SHARP, 2009). A segunda forma de cognição acontece de maneira lenta, requerendo esforço, necessita da apropriação consciente do indivíduo para exercer controle e apresenta maior flexibilidade no processo de tomada de decisão. (DEVINE; SHARP, 2009; RAND *et al.* 2017). Esta definição, ainda que possa ajudar no entendimento do que seriam os processos automáticos e controlados, pode conduzir a uma noção simples do que envolve estes dois tipos de cognição no que tange às relações sociais. Ainda que na prática a metodologia utilizada, assim como os resultados dos estudos, reflitam a complexidade do que seriam os processos automáticos e controlados, a definição mais utilizada pode não ajudar tanto para discutir certos fenômenos de impacto social, moral e empírico. Um destes fenômenos seria o racismo.

## **O que se poderia dizer mais sobre o controle?**

Uma definição que poderia ajudar a discutir sobre a complexidade dos processos controlados é a apresentada por Fujita *et al.* (2014), que afirma que controle seria um processo no qual ocorre um funcionamento satisfatório de uma estrutura hierárquica envolvendo emoções, pensamentos e comportamentos direcionados a um determinado fim. Este tipo de processamento de informação pode conduzir a determinado fim esperado a partir do controle de emoções e de comportamentos através da cognição. Estudos que buscam verificar este efeito mostram que, ao receber instruções de como agir em contatos intergrupais (BAYER; GOLLWITZER; ACHTZIER, 2010) e em situações que despertam medo ou nojo (GALLO *et al.*, 2009), os participantes apresentam melhor regulação emocional e respostas mais próximas do esperado, ainda que não seja apresentada nenhuma informação mais profunda sobre a situação. De acordo com a teoria dos



processos duais, este tipo de controle pode ser entendido como racionalidade objetiva, que se caracteriza por tomadas de decisão que buscam atingir um determinado objetivo, com o melhor nível de acurácia possível, independente dos desígnios subjetivos do ator (EVANS, 2014).

Os processos controlados também podem ocorrer através do que a teoria dos processos duais chama de racionalidade epistêmica, que se refere também a um nível de controle que busca atingir um determinado fim, independente das aspirações subjetivas do indivíduo; porém, ela se caracteriza por uma consciência em tempo real durante todo o processo de tomada de decisão (EVANS, 2014). Este processo, no entanto, não tem se mostrado muito consistente no que tange ao controle dos estereótipos e à redução do preconceito, pelo menos em se tratando de estudos empíricos (PALUCK; GREEN, 2009).

Para ilustrar os conceitos acima de uma maneira mais prática, tomemos como condição hipotética o caso ocorrido na universidade. Sabe-se que, por conta do preconceito racial, pessoas negras costumam ser mais mal avaliadas (DEVINE; SHARP, 2009) e todo o processo de categorização pode acontecer em milésimos de segundo (KANG; BODENHAUSEN, 2015), desencadeando emoções que geram tendência para ação (TRIPLER; RUSCHER, 2014). Neste sentido, o policial pôde ter se dirigido justamente para o estudante negro por conta de pensamentos e emoções influenciadas pelo preconceito racial. Entretanto, ele resolveu parar, recuou e guardou a sua arma. Pensando sobre isto, a partir do conceito dos processos automáticos, pode-se argumentar que, nesta estrutura envolvendo cognição, emoção e comportamento, a cognição se sobrepôs fazendo-o desistir da sua investida e levando-o a agir de acordo com um determinado fim que seria não disparar contra o estudante. Neste sentido, pode-se afirmar que o policial agiu de acordo com a cognição controlada, ainda que não se possa saber se agiu de maneira epistêmica (cessou o seu comportamento após começar a pensar que estava agindo de maneira preconceituosa e injusta e o quanto tudo aquilo se tratava de um erro que poderia trazer consequências drásticas logo depois) ou objetiva (uma associação entre a situação do momento e a melhor decisão a tomar, levando-o a concluir que desistir era o melhor).



## O que se poderia dizer mais sobre o automatismo?

O controle representa uma estrutura hierárquica que envolve cognição, emoção e comportamento, na qual a cognição deve regular a emoção em prol de um determinado fim. Porém, quando elementos desta estrutura se chocam de modo que impossibilite o alcance de tal objetivo, este processo pode ser descrito como não controlado ou automático. Isto pode ser verificado em estudos que demonstram que participantes submetidos a ameaça tendem a confundir utensílios com armas (BRADLEY; KENNISON, 2012) e aderem a mais estereótipos de gênero quando são submetidos a emoções positivas (BAYER; GOLLWITZER; ACHTZIGER, 2010).

Há também uma acepção do automatismo que não se caracteriza, simplesmente, pela falha em uma estrutura hierárquica, mas sim pela eficiência e pelo uso limitado de recursos cognitivos refletidos na aquisição de habilidades e no desenvolvimento do hábito. Esta representação de automatismo se refere a uma linha de pesquisa que demonstra que comportamentos e atitudes que requereriam esforço e monitoramento, após treinamento e repetição, se tornariam automatizados, tornando desnecessário o mesmo nível de esforço antes utilizado (BODENHAUSEN; TODD; RICHENSON, 2009; PLANT; PERUCHE; BUTZ, 2005). Estes resultados sugerem que as pessoas podem não estar a par de tudo o que subjaz as suas ações e mesmo quando venham a estar, todo o processo pode ocorrer de uma maneira tão eficiente que a apropriação mais consciente do que houve só vem a acontecer depois da resposta emitida (FUJITA *et al.*, 2014).

Então, voltando ao exemplo hipotético do policial, a desistência em continuar levantando a arma pode ter ocorrido de maneira automatizada, por conta de um treinamento repetitivo de como usar apropriadamente a arma, mas isso também foi consequência de uma tomada de decisão que ocorreu em um espaço mínimo de tempo.

A partir da perspectiva trazida pela teoria dos processos duais, é possível assinalar que esta forma de automatismo não está isenta de controle, mas sim apresenta processos envolvidos em um mesmo comportamento (EVANS, 2014). O comportamento que passa a ser repetido com menor esforço por conta do treinamento ocorre graças ao sistema 1, base para os processos automáticos. Por outro lado, a condução ao resultado acurado que leva à resolução do problema ocorre graças ao sistema 2, base para os processos controlados. Esta condição, portanto,



representaria uma interface entre a programação genética – moldada pela evolução – e o aprendizado individual.

Então, levando-se em consideração estes conceitos, poder-se-ia postular uma cognição atribuída unicamente ao processo controlado, fundamentada apenas no sistema 2? Pode ser que sim. Este tipo cognição seria representado pela racionalidade epistêmica. A racionalidade epistêmica só é útil se aplicada unicamente aos processos controlados e ao sistema 2 e, portanto, à nova mente, que explicitamente processa conhecimento de modo a decidir sobre ações futuras. A nova mente busca atingir objetivos no futuro, engajando-se em simulações mentais e nas consequências das tomadas de decisão (EVANS, 2014). Isso possibilita aos seres humanos decidirem sobre o melhor curso de ação diante de novos problemas para o qual o aprendizado decorrente do hábito não poderia oferecer soluções tão satisfatórias. Neste sentido, dizer que alguém é irracional no sentido epistêmico seria dizer que ele sustenta falsas crenças, impedindo-o de alcançar objetivos esperados (EVANS, 2014).

Mas como todos estes conceitos podem contribuir para a investigação de um dos aspectos dos estereótipos raciais que é o racismo na identificação de armas?

## **Racismo automático na identificação de armas.**

A categorização tende a desprezar atributos particulares do indivíduo alvo mediante associações quase automáticas que potencializam reações estereotipadas (MACRAE; BODENHAUSEN, 2001), o que pode desencadear uma tendência para a ação (TRIPLER; RUSCHER, 20014). O racismo, caracterizado por um processo de hierarquização, exclusão e discriminação de um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente (LIMA; VALA, 2004) pode levar as pessoas a fazerem avaliações sobre o comportamento do alvo a partir de crenças que ajudam a ver tal indivíduo como detentor de características imutáveis que justificariam uma determinada condição social (ZÁRATE, 2009). No caso do racismo, um dos fenômenos observados, decorrente do processo de categorização, é a relação entre pessoas negras e violência (DEVINE, 1989). Uma das consequências desta relação é a formação de associações enviesadas entre a cor da pele e o porte de arma por uma pessoa negra, sem a noção de que tal processo esteja acontecendo. (PAYNE, 2001).



Para estudar este tipo de associação foi desenvolvido um paradigma de estudo denominado identificação de armas. Este paradigma tem como referência a teoria dos processos automáticos e controlados e fundamenta o desenvolvimento de instrumentos com a finalidade de investigar a influência do racismo automático na percepção de uma arma ou de uma não arma. O procedimento de pesquisa leva em consideração o tempo de resposta, o nível de acerto e o viés (que seria a confusão de um utensílio com uma arma quando precedido por uma face negra). Estes instrumentos se utilizam do *princípio da inescapabilidade* (PAYNE, 2008), que se caracteriza pela apresentação de algum tipo de conteúdo em um espaço de até 1 segundo. O uso deste espaço de tempo baseia-se na demonstração de que respostas estereotípicas costumam ser emitidas sobre algum tipo de pressão cognitiva, entre elas a de tempo (BANAJI; HARDIN, 1996; PAYNE, 2001). O procedimento de pesquisa, normalmente, se subdivide em duas fases, uma com tempo ilimitado para o participante responder após a apresentação do conteúdo e outra com tempo restrito para responder à mesma apresentação (até 630 milésimos de segundo), levando em consideração que a expressão do preconceito automático costuma se tornar mais visível em menores janelas de tempo (PAYNE, 2001; CORRELL *et al.*, 2002). Sendo assim, as respostas controladas seriam aquelas em que as pessoas identificam armas e utensílios, independente destes objetos estarem sendo portados por uma pessoa branca ou negra. As respostas automáticas, por sua vez, seriam aquelas em que os participantes passariam a emitir com base no critério da raça e não com base no objeto que estava sendo portado pelo alvo.

Então, a partir paradigma acima citado foi desenvolvido um instrumento conhecido como Tarefa de Identificação de Armas – TIA – (PAYNE, 2001) que se caracterizava pela apresentação de imagens de faces de pessoas brancas e negras seguidas de armas ou ferramentas em um espaço total de tempo de 800 milésimos de segundo. Nesta tarefa, a fase com restrição de tempo para a emissão da resposta se limita a uma janela temporal de 500 milésimos de segundo. Os resultados encontrados através da TIA demonstraram que os participantes percebiam mais rapidamente uma arma quando esta era precedida por uma face negra, acertavam armas e ferramentas independente da raça da face, porém confundiam mais uma ferramenta com uma arma quando esta era precedida por uma face negra.



Na fase com limite de tempo, além de os participantes passarem a certar mais uma arma quando precedida pela face negra, passaram a perceber uma arma mais rapidamente quando precedida por uma face negra e confundiram mais utensílios com armas, também quando precedidos por uma face negra.

Correll *et al.* (2002) aperfeiçoou este método de análise e desenvolveu a Tarefa de Tiro em Primeira Pessoa (TTPP). Este procedimento, em forma de game, cria uma situação na qual pessoas brancas e negras surgem em um cenário, em um espaço de até um segundo, portando armas ou utensílios. Nesta tarefa, os participantes tinham até 630 milésimos de segundo para disparar caso o alvo estivesse armado ou não fazer nada caso o alvo estivesse desarmado. Os resultados de tempo de resposta e acerto foram semelhantes aos resultados encontrados na TIA. Entretanto, o método utilizado para verificar o viés foi a Teoria da Detecção de Sinal (TDS), no qual os resultados são avaliados segundo dois parâmetros que são sensibilidade e critério. A sensibilidade se refere à habilidade do participante em diferenciar alvos armados e alvos não armados, enquanto que o critério representa o momento em que o participante decide atirar (CORRELL *et al.*, 2002; CORRELL *et al.*, 2014). Os resultados baseados na TDS demonstraram que os participantes apresentaram boa sensibilidade, identificando bem uma arma ou utensílio, independente de estar sendo portado por uma pessoa negra ou branca, porém os respondentes não foram precisos quanto ao critério, tendendo a disparar mais em um alvo negro desarmado do que em um branco desarmado.

Recentemente, na busca de uma abordagem mais precisa do efeito do racismo automático na identificação de armas, Correll *et al.* (2015) utilizaram um método chamado de Processo de Difusão (PD). Este método torna possível verificar o quanto o participante se certifica que o percebido foi uma arma ou utensílio (*limiar de separação*), o nível de tempo em que o participante leva para acumular informação para saber se o alvo está armado ou não (*nível de acúmulo*), a tendência em atirar em um alvo caso ele não tenha acumulado informação suficiente (*valor inicial*) e o tempo em que o participante leva para decidir não atirar (*tempo de não tomada de decisão*). Os resultados desta investigação demonstraram que os participantes levaram menos tempo adquirindo informação sobre uma pessoa negra armada e sobre uma pessoa branca desarmada, assim como





apresentam decisões menos confiáveis (certificam-se menos sobre o objeto em questão) quando se tratava de uma pessoa negra armada e de um branco desarmado.

A utilização deste paradigma em outras realidades que não o contexto no qual os estudos iniciais foram produzidos também apresenta resultados dignos de discussão. Mange, Sharvit, Margas e Sénémeaud (2016) submeteram dois grupos de participantes franceses à TIA após terem acesso a um conteúdo que possuía expressões estereotípicas sobre espanhóis e árabes e os resultados mostraram que os participantes submetidos a expressões estereotípicas sobre árabes confundiam mais utensílios com armas.

No Brasil, Dantas e Pereira (2014) utilizaram a TIA em uma amostra de policiais e estudantes universitários. Os dados demonstraram que policiais levavam mais tempo para perceber armas e utensílios, quando comparados a estudantes. Porém, eles acertavam mais uma arma quando a face negra precedia e tendiam a confundir mais um utensílio com uma arma quando, também, era precedida por uma face negra. Também no Brasil, Lima, Araújo e Poderoso (2018), fazendo uso da TTPP, conseguiram demonstrar que estudantes levaram menos tempo para disparar em um negro armado e mais tempo para disparar em um branco desarmado. Entretanto, estes mesmos estudantes levaram menos tempo para decidirem não disparar em um branco desarmado e mais tempo para decidirem não disparar em um negro desarmado. Neste trabalho, também foi possível verificar que estudantes do curso técnico da polícia militar levaram menos tempo para disparar em um negro armado e mais tempo para disparar em um branco armado e este mesmo padrão de efeito também foi encontrado em uma amostra de policiais com pelo menos dez anos de serviço. Estes dados sugerem que a força do estereótipo pode ser tão intensa a ponto de se sobrepor à experiência de profissionais supostamente treinados.

## **Racismo automático na identificação de armas. Algo pode ser feito?**

O racismo é um processo que tende a justificar e formalizar uma série de práticas que facilitam a hostilização de um determinado grupo (ZÁRATE, 2009) e este tipo de hostilidade se reflete, inclusive, na tomada de



decisão em disparar e em confundir um utensílio com uma arma quando este é portado por uma pessoa negra. Mas além da demonstração empírica e do impacto dos dados, há algo que se possa fazer a respeito? Em que ponto a identificação de armas, os processos duais e a teoria dos processos automáticos e controlados se convergem nesta empreitada?

Já há algum tempo que os psicólogos sociais se preocupam com a redução dos estereótipos e o combate ao preconceito. Neste sentido, algumas técnicas têm sido desenvolvidas dentro da teoria dos processos automáticos e controlados, tendo sido aplicadas, inclusive, em estudos que envolvem o paradigma da identificação de armas.

Uma delas consiste em um treinamento no qual a quantidade de aparições de faces negras seguidas de armas ou utensílios é duplicada (a quantidade de apresentações é de 80 e neste caso passa a ser 160) e o seu objetivo é que as respostas que antes eram inacuradas e requeriam esforço, passem a acontecer com precisão e sem esforço, diminuindo o número de vieses. Em um estudo realizado por Plant, Peruche e Butz (2005), estudantes universitários foram submetidos a duas sessões de 80 aparições de faces de pessoas brancas e negras com armas e utensílios sobrepostos. Os resultados encontrados demonstraram que os participantes passaram a disparar menos em uma pessoa negra desarmada a partir da segunda sessão de treinamento. Vinte e quatro horas depois, foi verificado que este efeito ainda se mantinha e após mais uma sessão de treinamento foi verificada uma diminuição ainda maior da tendência em disparar em um negro desarmado. Além disto, este mesmo efeito do treinamento foi encontrado em oficiais de polícia que tinham como parte do seu trabalho o uso da arma (PLANT; PERUCHE, 2005). Sim, Correll e Sadler (2013), em uma amostra de policiais, obtiveram resultados semelhantes aos apresentados por Plant e Peruche (2005) após intenso treinamento.

Uma técnica que envolve processos automáticos e controlados e que vem sendo também utilizada para a redução do preconceito é a persuasão (BRIÑOL; McCASLIM; PETTY, 2012). Esta técnica, embora ainda não utilizada no paradigma de identificação de armas, possui características que a torna digna de atenção e oferece perspectivas para um uso futuro. Ela consiste na manipulação de três variáveis que são a força do argumento, a experiência e o status daquele que emite tal argumento. Segundo a teoria da persuasão, quanto maior for o número de afirmações favoráveis



(informações contraestereotípicas) ao grupo alvo do estereótipo, mais forte será o argumento. Além disso, se aqueles que tiverem acesso a tal argumento souberem que quem o expôs foi alguém que tem algum tipo de experiência e possua algum tipo de status no grupo, maior a confiança na afirmação. Neste sentido, quanto mais destas variáveis estiverem presentes no argumento do emissor, maiores os efeitos na diminuição dos estereótipos. Numa condição hipotética, caso um pesquisador tenha por objetivo reduzir o efeito do racismo na identificação de armas entre policiais, através da técnica da persuasão, ele poderia utilizar um argumento falando de aspectos positivos sobre a população negra (argumentos fortes), emitidos por um major ou capitão (com status no grupo) da polícia militar (apresenta experiência). É possível que a apresentação de tal argumento a policiais militares antes da realização de alguma das tarefas de identificação de armas diminua o impacto do racismo na identificação de armas.

Algo que é possível observar é que as técnicas aptas a serem utilizadas para a redução do racismo na identificação de armas alcançam apenas o nível da racionalidade objetiva. Isto significa dizer que os indivíduos não terão total propriedade dos processos para redução dos seus preconceitos e da tomada de decisão no momento em que conseguirem controlá-los. Seria possível haver um meio de redução do racismo automático na identificação de armas no qual fossem mantidas as características da racionalidade epistêmica, com os participantes tendo total propriedade de processos que ocorrem em milésimos de segundo? Mais ainda, seria possível controlar os preconceitos, de uma maneira geral, baseando-se apenas na racionalidade epistêmica? Encontrar um meio para a redução dos preconceitos no qual as pessoas controlassem de maneira total e consciente os seus afetos e comportamentos é algo possível ou é apenas um anseio baseado em uma crença de que o ser humano é um ser antes de mais nada racional (KHANEMAN, 2012)? Estas são questões não só científicas, mas filosóficas também. Mas independentemente de qualquer coisa, a redução do preconceito é preocupação que deve permanecer presente em nossos horizontes.

## Referências

BANAJI, M.; HARDIN, C. D. Automatic prejudice. **Psychological Science**, Washington, DC, n. 7, v. 3, p. 136-141, 1996.



BAYER, U. C.; GOLLWITZER, P. M.; ACHTZIGER, A. Staying on track: Planned goal striving is protected from disruptive internal states. **Journal of experimental social psychology**, Amsterdam, v. 40, n. 3, p. 505-514, 2010.

BODENHAUSEN, G. V.; TODD, A. R.; RICHENSON, J. A. Controlling prejudice and stereotyping: Antecedents, mechanisms and contexts. In Nelson, T. D. (Org.). **Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination**. New York: Psychology Press, 2009, p. 111-135.

BRADLEY, K. I.; KENNISON, S. M. The effect of mortality salience on weapon bias. **International Journal of Intercultural Relations**, Amsterdam, v. 26, n. 3, p. 403-408, 2012.

BRIÑOL, P.; MACCASLIN, M. J.; PETTY, R. E. Self-generated persuasion: Effects of the target and directions of arguments. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 102, n. 5, p. 925-940, 2012.

CORRELL, J.; HUDSON, S. M.; GUILLERMO, S. The police officer's dilemma: A decade of research on racial bias in the decision to shoot. **Social and Personality Compass**, New Jersey, v. 8, n. 5, p. 201-213, 2014.

CORRELL, J.; PARK, B.; JUDD, C. M.; WITTENBRINK, B.; SADLER, M. S.; KEESEE, T. The police officer's dilemma: Using ethnicity to disambiguate potentially threatening individuals. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 83, n. 6, p. 1314-1329, 2002.

CORRELL, J.; WITTENBRINK, B.; CRAWFORD, M. T.; SADLER, M. S. Stereotype vision: How stereotypes disambiguate visual stimuli. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 108, n. 2, p. 219-233, 2015.

DANTAS, G. S.; PEREIRA, M. E. **A influência dos primings de crime na identificação de armas, no racismo, na desumanização e na atribuição de punição**. 2014. 99 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) Universidade Federal da Bahia, Bahia

DEVINE, P. (1989) Stereotypes and prejudice: their automatic and controlled components. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 56, n. 1, p. 5-18, 1989.



DEVINE, P. G.; SHARP, L. B. Automaticity and control in stereotyping and prejudice. In: NELSON, T. D. (Org.). **Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination**. New York: Psychology Press, 2009, p. 74-94.

EVANS, J. St. B., T. In two minds: dual-process accounts of reasoning. **Trends in Cognitive Science**, London, v. 7, n. 10, p. 454-459, 2003.

EVANS, J., St., B., T. Two minds rationality. **Thinking and reasoning**, Plymouth, v. 20, n. 1, p. 129-146, 2014.

FUJITA, K.; TROPE, Y.; CUNNINGHAM, W. A. What is control: A conceptual analysis. In: SHERMAN, J. W.; GAWRONSKI, B.; TROPE, Y. (Orgs.). **Dual process theories of social mind**, New York, London, 2014, p. 50-65.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar**: Duas formas de pensar. 1ª ed. Trad. Cassio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KANG, S. K.; BODENHAUSEN, G. V. Multiple identities in social perception and interaction: Challenges and opportunities. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, 2015, v. 66, p. 1-28.

LIMA, M. E. O.; ARAUJO, C. L.; PODEROSO, E. S. **The decision to shoot black suspects in Brazil: The police officer's dilemma**. Race and Social Problems, Switzerland, 2018, v. 10, n. 1, p. 101-112.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. (2004b). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.

MACRAE, C. N.; BODENHAUSEN, G. V. (2001). Social cognition: Categorical person perception. **British Journal of Psychology**, New Jersey, 2001, v. 92, n. 1, 239-255.

MANGE, J.; SHAVIT, K.; MARGAS, N.; SÉNÉMEAUD, C. Do I shoot faster because I am thinking about an outgroup or a threatening outgroup? **Social Psychology**, Boston, v. 47, n. 1, p. 29-37, 2016.

PALUCK, E. L.; GREEN, D. P. Prejudice reduction: What works? A review and assessment of research and practice. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, 2009, v. 60, p. 339-367.



PLANT, E. A.; PERUCHE, B. M. The consequences of race for police officers' response to criminal suspects. **Psychological Science**, Washington DC, v. 16, n. 3, p. 180-183, 2005.

PLANT, E. A.; PERUCHE, B. M.; BUTZ, D. A. Eliminating automatic racial bias: Making race non-diagnostic for responses to criminal suspects. **Journal of Experimental Social Psychology**, Amsterdam, v. 41, n. 2, p. 141-156, 2005.

PAYNE, B., K. What mistakes disclose: a process dissociation approach to automatic and controlled processes in social psychology. **Social and Personality Compass**, New Jersey, v. 2, n. 2, 1073-1092, 2008.

PAYNE, B. K. Prejudice and perception: the role of automatic and controlled processes in misperceiving a weapon. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 81, n. 2, p. 181-192, 2001.

RAND, D. G.; TOMLIN, D.; BEAR, A.; LUDVIG, E. A.; COHEN, J. D. Cyclical population dynamics of automatic versus controlled processing: An evolutionary pendulum. **Psychological Review**, Washington, v. 124, n. 5, p. 626-642, 2017.

SIM, J. J.; CORRELL, J.; SADLER, M. S. **Understanding police and expert performance: When training attenuates (vs. exacerbates) stereotypic bias in decision to shoot**. *Personality and Social Psychology Bulletin*, California, v. 39, n. 3, p. 291-304, 2013.

TRIPLER, C.; RUSCHER, J. B. Agency's role in dehumanization: Non-human metaphors of out-groups. **Social and Personality Psychology Compass**, New Jersey, v. 8, n. 5, p. 214-228, 2014.

ZÁRATE, M. A. Racism in the 21st Century. In: NELSON, T. D. (Org.) **Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination**, New York: Psychology Press, 2009, p. 387-406.

Recebido: 19/02/2018

Aceito: 02/07/2018

